

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Nelson Rodrigues leitor de Gilberto Freyre: aproximações entre *Casa-grande & senzala*,
Sobrados e mucambos e a dramaturgia de Nelson Rodrigues**

Henrique Buarque de Gusmão¹

Resumo: Neste trabalho, estão colocadas as primeiras perguntas que guiam a minha pesquisa de doutorado. Investigo relações e apropriações construídas entre a obra de Gilberto Freyre e a dramaturgia de Nelson Rodrigues, tendo em vista elementos comuns às duas obras e entendimentos próximos no que diz respeito ao processo de formação da família e da civilização brasileira. Em ambas as obras, pode-se perceber a análise de excessos de violência física, sexualidade e sensualidade (marcas da *hybris*), assim como a análise da entrada de padrões de civilização importados que também se impõe pela marca da violência da repressão. Entre estes dois campos, constroem-se tensões muito produtivas para se pensar a formação da identidade brasileira, os padrões de civilização importados, a própria noção de civilização e a questões do discurso teatral na segunda metade do século XX.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues, Gilberto Freyre, civilização.

Abstract: In this work, the first questions that guide my research are done. I investigate relations and appropriations constructed between Gilbert Freyre's and Nelson Rodrigues's texts, in view of two author's common elements about the process of formation of the brazilian family and civilization. In both the workmanships, we could perceive the analysis of excesses of physical violence, sexuality and sensuality (marks of the *hybris*), as well as the analysis of the entrance of imported standards of civilization that also is imposed by the mark of the repression's violence. Between these two fields, important tensions are constructed to think the formation of the brazilian identity, the imported standards of civilization, the notion of civilization and the questions of the teatral speech in the second half of century XX.

Key-words: Nelson Rodrigues, Gilberto Freyre, civilization.

Estou iniciando, este ano, o meu processo de doutoramento pelo PPGHIS da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Neste texto, exponho minhas primeiras questões, problemas e hipóteses que desenvolverei ao longo dos quatro anos de pesquisa, questões estas ligadas às possibilidade de relação entre as obras de Gilberto Freyre e Nelson Rodrigues.

Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, em seu livro *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*, apresenta um quadro bastante completo da relação que Freyre constrói entre autores e idéias estrangeiras (especialmente ingleses, que muito o impressionam em suas viagens) e a realidade brasileira. É a partir destas relações que Freyre faz, já de volta ao Recife, longas pesquisas sobre o passado colonial que resultam em sua primeira obra: *Casa-*

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob orientação da Profª. Dra. Andréa Daher.

grande & senzala, caracterizada pelo próprio autor como “o drama da formação da família brasileira” (Pallares-Burke, 2005: 407). O grande impacto que este livro provocará no ambiente intelectual brasileiro e na própria historiografia está ligado ao elogio que Freyre faz à miscigenação. A partir de um longo trabalho em arquivos coloniais, e fazendo uso de uma longa lista de intelectuais estrangeiros, o autor fará um detalhado retrato do ambiente da casa-grande colonial, do grande engenho de açúcar e percebe que a mistura de etnias e culturas foi o que tornou possível o sucesso da ocupação da colônia portuguesa. Diante das dificuldades apresentadas pela terra e pelo momento histórico, somente a mobilidade, miscibilidade e aclimatabilidade dos portugueses em contato com índios e africanos pôde garantir o sucesso da ocupação do território. Estas características garantiram um certo “equilíbrio de antagonismos”² necessário para a criação da sociedade colonial.

O elogio da miscigenação gerou, muitas vezes, diversas críticas a Gilberto Freyre, posto ter sido muito associado à idéia de “democracia racial”. Ricardo Benzaquen de Araújo, em seu livro *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*, discute como o otimismo da mistura de culturas não exclui a profunda violência do sistema escravista que contagia o ambiente social criado na obra de Gilberto Freyre, afirmando que:

da mesma maneira que encontramos em Casa-grande & senzala um vigoroso elogio da confraternização entre negros e brancos, também é perfeitamente possível descobrirmos lá numerosas passagens que tornam explícito o gigantesco grau de violência inerente ao sistema escravocrata, violência que chega a alcançar os parentes do senhor, mas que é majoritária e regularmente endereçada aos escravos. (Benzaquen de Araújo, 1994: 45)

Benzaquen identifica, no ambiente social da casa-grande criado por Gilberto Freyre, uma tensão entre flexibilização e violência entre culturas, relacionada a uma característica que marcaria esta realidade: a *hybris*³. A casa-grande freyreana seria caracterizada por um ambiente de excessos, principalmente sexuais, que aproximam o português da negra e da índia e que gera um “clima extremamente orgiástico” (Benzaquen de Araújo, 1994: 63), um ambiente de “culto à obscenidade” (Benzaquen de Araújo, 1994: 68). Se a violência do senhor de engenho, a sua preguiça, o trabalho do escravo, a violência para com o negro

² Esta idéia, fundamental na obra de Freyre, é também influência de autores ingleses, como Alfred Zimmern, Herbert Spencer e Franklin Giddings, estando esta relação bastante bem construída no livro citado de Pallares-Burke.

³ Apresentada, pelo autor, como excesso, desmedida, a partir de um determinado entendimento do conceito grego.

(extravasada para a própria família do senhor) seriam excessivas, o ambiente sexualizado das casas-grandes também o seria. Assim, “apesar da mestiçagem, da tolerância e da flexibilidade, o inferno parecia conviver muito bem com o paraíso em nossa experiência colonial.” (Benzaquen de Araújo, 1994: 46) Benzaquen analisa, ainda, que figuras que poderiam representar um certo grau de repressão e tentativa de disciplinarização destes ambientes (como os padres jesuítas), não conseguiriam ter força suficiente naquele momento. Sendo assim, monta-se na casa-grande colonial um clima altamente sexualizado, onde senhores se relacionam com escravas, meninos com cabras ou com crianças negras e até mesmo o incesto pode ser encontrado.

Indo adiante, Benzaquen analisa a obra de Gilberto Freyre Sobrados e mucambos. Pesquisando, agora, a sociedade imperial brasileira, Freyre percebe um determinado “projeto civilizador”⁴ ganhar força no Brasil com a chegada da família real. Para o autor, a mineração já teria acentuado um certo caráter repressor e disciplinarizador na sociedade brasileira, uma vez que a Coroa portuguesa fez-se aqui mais presente. A chegada da Corte, entretanto, traz novos hábitos, novos produtos, novas expressões culturais que entrarão em choque com o “clima quase delirante, assinalado pelos mais imoderados apetites, que definia a casa-grande.” (Benzaquen de Araújo, 1994: 59) O surgimento da figura do bacharel⁵, por exemplo, é entendida como o surgimento de uma figura moralizadora que impõe novos hábitos de civilidade ao seu ambiente social, ligado a um “ideal de comedimento, de cultivo espiritual e de vida de gabinete.” (Benzaquen de Araújo, 1994: 121) Benzaquen faz uma interessante análise do papel da *hybris* nesta nova realidade constituída. Da mesma forma que os engenhos apresentavam “exageros de natureza sexual” (Benzaquen de Araújo, 1994: 128), os sobrados, agora, apresentarão um excesso de disciplina, de rigor no encaminhamento deste “processo civilizador”, “o excesso agora [...] torna-se de pureza e não de miscigenação”. (Benzaquen de Araújo, 1994: 161) O “gélido e requintado mundo dos sobrados” (Benzaquen de Araújo, 1994: 181) acabaria levando, ao contrário do que acontecera no engenho colonial, a um afastamento entre as culturas e etnias.

Haveria, então, uma interessante tensão na obra de Freyre tomada numa continuidade. Sempre marcada por excessos, as ordens sociais construídas nas duas obras – Casa-grande & senzala e Sobrados e mucambos – apresentariam um choque no que diz respeito à oposição entre sexualidade violenta, onipresente e civilização disciplinarizadora,

⁴ Cf. BENZAQUEN DE ARAÚJO, Ricardo. *Guerra e Paz, Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. p. 108.

⁵ A figura do bacharel também é citada e analisada por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, livro que deverá ser também utilizado e analisado na pesquisa.

castradora. Essa tensão é marcada, evidentemente, pela *hybris*, apresentando, porém, alguns escapes. Em Sobrados e mucambos, Freyre percebe no ambiente dos mucambos “a humildade, a singeleza, a integração com a natureza, a naturalidade, a solidariedade, em uma palavra, a fraternidade postulada pela ordem franciscana”. (Benzaquen de Araújo, 1994: 166) O franciscanismo, ideal bastante importante para Freyre, é encontrado em sua obra como uma possibilidade de controlar as tensões e os excessos que marcariam o processo histórico brasileiro.

Esta oposição entre padrões de civilidade e *hybris* será pensada também a partir das reflexões de Jean Starobinski, que, ao buscar a origem do termo civilização, depara-se com uma gênese conjunta da idéia de civilização e de “falsa civilização”. A civilidade, que é entendida juntamente com o conceito de polidez, está ligada tanto a um conjunto de hábitos e padrões de comportamento, como à criação de critérios para julgar e à imposição violenta do progresso. Deste modo, uma acepção de civilização, a partir de Starobinski, é ligada ao processo de construção de hábitos polidos (na longa duração) que, uma vez concluído, pode hierarquizar povos e culturas. Outra acepção, tão antiga quanto a primeira, é claramente crítica em relação à falsidade destes hábitos, à valorização excessiva da aparência, o que já aponta para a idéia de decadência da civilização. Nesta análise, é importante que se pense a idéia de civilização junto com a de decadência, ou surgimento de padrões de civilidade europeus junto com a decadência de uma certa espontaneidade da *hybris* dos engenhos.

Traçando uma trajetória diferente da de Freyre, Nelson Rodrigues mudou-se do Recife para o subúrbio do Rio de Janeiro ainda muito novo. Desde criança, Nelson cultivou uma profunda ligação com o jornal, tendo trabalho no Última Hora e em O Globo. A literatura dramática, entretanto, dará maior destaque ao autor. Entre 1941 e 1978, escreveu dezessete peças teatrais. Apesar do estrondoso sucesso da montagem de seu segundo texto, Vestido de noiva (considerada um dos marcos do teatro brasileiro moderno), os textos seguintes de Nelson enfrentaram sérios problemas com a censura e com a Igreja, apesar de terem despertado cada vez mais o interesse de artistas, encenadores e companhias teatrais.

Para Paulo Francis, Nelson Rodrigues era um “talento em captar emoções embaixo da cintura” (Francis In: Rodrigues, 1981: 414). De fato, especialmente em seus textos teatrais, o tema da sexualidade tem grande importância. A partir da análise deste tema, pode-se começar a pensar as primeiras relações entre Rodrigues e Freyre. Nelson Rodrigues, além de leitor, foi um grande admirador de Gilberto Freyre. Em diversos momentos de sua obra, podem ser encontradas referências entusiasmadas e elogiosas a Freyre, chegando até mesmo a declarar o seguinte: “Se me perguntassem quais são os brasileiros mais inteligentes

que conheço, eu responderia: – Gilberto Freyre, Gilberto Freyre e Gilberto Freyre.” (Rodrigues, 1997: 73).

Tendo em vista esta relação, pode-se observar que a tensão encontrada nos livros de Gilberto Freyre, como apresentei anteriormente, parece ressurgir nos textos de Nelson, em um outro ambiente social. A maior parte de suas peças se passam no Rio de Janeiro, tendo, muitas vezes, apartamentos, casas burguesas ou suburbanas como cenário. Neste cenário, é possível perceber uma série de personagens atordoados pelo excesso sexual, pela força do desejo sexual. É curioso observar que estes personagens parecem remeter a um ambiente como o da casa-grande freyreana. Patrício, personagem de *Toda nudez* será castigada, relembra sua iniciação sexual com uma cabra como o início de uma vida marcada pelo constante desejo sexual. Edmundo, de *Álbum de família*, sonha com a possibilidade de viver num mundo em que só existisse sua família, onde todo o tipo de relação poderia existir entre seus membros. Diversas prostitutas vivem em ambientes orgiásticos e altamente sexualizados, que encantam o imaginário de homens e mulheres.

Por outro lado, há uma série de personagens e situações em que a interdição e o controle à sexualidade impõem-se numa relação tensa com o impulso sexual. Tias que cheiram as cuecas dos sobrinhos, impulsos sexuais reprimidos em direção à mãe, à irmã, ao pai, elogio à feiúra e ao enjôo diante de qualquer atitude sexual são exemplos destes personagens e situações. Essas são algumas pistas, então, de que o excesso sexual e o excesso de civilidade burguesa, na oposição já apontada por Gilberto Freyre, serão reconstruídos na dramaturgia de Nelson Rodrigues.

Um exemplo desta tensão entre excessos de sexualidade e de padrões de civilidade pode ser visto em *Os sete gatinhos*. Neste texto, o pai de família – Seu Noronha –, seria regido por padrões morais tão fortes que chega a proibir o uso do papel higiênico em casa. Ele se mobiliza para que a família garanta um casamento digno à filha mais nova que estudava em um colégio interno. Quando a filha é expulsa da escola e aparece grávida em casa, Seu Noronha passa por uma enorme desestabilização e decide parar de trabalhar e criar um “bordel de filhas” (Rodrigues, 1981: 228), sob o seguinte argumento: “se [sua filha] foi de um, pode ser de todos!” (Rodrigues, 1981: 229) Ou seja, ou o ambiente familiar seria marcado pelos mais rígidos padrões de comportamento, ou deveria entrar no profundo desregramento.

No entanto, assim como Freyre, Nelson Rodrigues também encontra uma espécie de válvula de escape para esta tensão na qual seus personagens estariam colocados. Adriana Facina já aponta para a possibilidade do amor⁶ como a forma de se sair desta

⁶ Amor este que não é entendido exatamente como o amor romântico, mas como um amor que leva à redenção.

oposição violenta de uma sexualidade que, como em *Casa-grande & senzala*, “aproxima-se aparentemente da mais pura animalidade” (Benzaquen de Araújo, 1994: 63) e uma sexualidade marcada pelos excessos de normatização.

Nesta oposição entre uma sexualidade animalizada e padrões de civilização normatizadores, entretanto, na análise dos dois autores, não se quer criar uma oposição simplista entre expressão e repressão sexual. Pelo contrário, pode-se pensar tanto os excessos de expressão sexual como os excessos de pudor dentro do funcionamento de um mesmo dispositivo: o dispositivo da sexualidade, utilizando a expressão criada e desenvolvida por Michel Foucault em *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tendo criado diversos mecanismos de saber e poder sobre a expressão sexual, a sociedade burguesa fez com que se falasse e se pensasse muito sobre o sexo para criar mecanismos microfísicos de poder. Desta forma, a partir do entendimento deste dispositivo como um elemento teórico da pesquisa, pode-se pensar a aparente oposição de maneira mais complexa.

Sendo assim, a proposta de minha pesquisa consiste em analisar a apropriação, por parte de Rodrigues, de figuras, categorias e formas narrativas das obras de Freyre, particularmente *Casa-grande & senzala* e *Sobrados e mucambos*. De modo a entender essa relação, de maneira mais específica, coloco as seguintes questões, organizadas em três blocos, segundo critérios conceituais:

1) A questão da *hybris*: quais as relações que se estabelecem entre o ambiente altamente sexualizado construído por Gilberto Freyre em *Casa-grande & senzala* e os excessos sexuais presentes nos personagens de Nelson Rodrigues? De que forma as referências a esses excessos sexuais, em Gilberto Freyre, são reconstruídos em Nelson Rodrigues?

2) A questão da “civilização” (e o seu corolário, a da “decadência”): como é construída a relação entre o “processo civilizador”, no Brasil, e a promiscuidade dos engenhos coloniais em Gilberto Freyre? Como Freyre caracteriza este “processo civilizador”? Quais figuras estão envolvidas neste processo? Como essas figuras são reconstruídas na obra de Nelson Rodrigues? Como os excessos dos padrões de civilidade são construídos em Nelson Rodrigues?

3) A questão do conflito (e da regulação do conflito): como o conflito, sob a forma da tensão entre *hybris* e disciplina e entre civilização e decadência, aparece nos dois autores? O que ele gera para suas respectivas obras, sobretudo do ponto de vista das formas narrativas específicas do teatro e da teoria social? Enfim, que possibilidades de dissolução

para a tensão aparecem nas respectivas obras, tais como o franciscanismo dos mucambos, em Freyre, e o amor ou os finais felizes, em Rodrigues?

Por fim, um último comentário sobre novas questões que ainda estão em elaboração na pesquisa. A crítica a padrões de civilidade importados e ao sufocamento de uma realidade marcada por excessos, pela sensualidade e pela violência que aparece nas duas obras pode ser relacionado, também, com um determinado discurso teatral que ganhou muita força na segunda metade do século XX. Antonin Artaud, Jerzy Grotowski, o Living Theatre e mesmo Constantin Stanislavski (morto no final dos anos 1930), pensam um teatro que resgate uma certa força perdida pela civilização, um homem que renasça através do teatro com todas as possibilidades que a civilização lhe sufocaria. Desta forma, ficam como propostas estas últimas questões: a leitura e apropriações que Nelson Rodrigues faz da obra de Gilberto Freyre pode estar relacionada com este discurso libertário de importantes nomes do teatro no século XX? Mesmo estando diretamente ligado a outras tradições e convenções teatrais, Nelson Rodrigues pode ser pensado, a partir das questões que expus neste trabalho, em conexão com o teatro de vanguarda da segunda metade do século XX? Como seu nome, a partir de sua leitura de Freyre e de seu entendimento do processo histórico brasileiro, pode-se ligar a nomes como Artaud, Grotowski e o grupo Living? São perguntas que ficam para um amadurecimento futuro.

Bibliografia

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BENZAQUEN DE ARAÚJO, Ricardo. *Guerra e Paz, Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ELIAS, Nobert. *O processo civilizador*. Vol. I: Uma história dos costumes; Vol. II: Formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Vol. I: 1990 e Vol. II: 1993.

FACINA, Adriana. *Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 2000c. (1.ed. 1936).

_____. *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro: Record, 2000d. (1.ed. 1959).

GROTOWSKI, Jerzy. *Em busca de um teatro pobre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

GUSMÃO, Henrique Buarque de. “*Só toca em mim casando!*”: Reinvenções da moralidade burguesa na dramaturgia de Nelson Rodrigues (1941-1978). Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. Monografia de bacharelado em História.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo 1, 2, 3 e 4*. Organização e introdução de Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. *A vida como ela é... O homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Flor de obsessão: as 1.000 melhores frases de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

STANISLAVSKI, Constantin. *El trabajo del actor sobre sí mismo*. El trabajo sobre sí mismo en el proceso de las vivencias. Buenos Aires: Quetzal, 1994.

_____. *A construção da personagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TOPORKOV, Vasily Osipovich. *Stanislavski in rehearsal*. Nova Iorque: Routledge, 1998.

SÜSSEKIND, Flora. *Nelson Rodrigues e o fundo falso*. Brasília: MEC, Departamento de Documentação e Divulgação, 1977.